

O retorno ao poder visto por Michel Foucault

Philippe Pelletier

Michel Foucault (1926-1984) aporta sem dúvida numerosas luzes à questão do poder. Entretanto, causa surpresa que este filósofo erudito, cultivado e grande leitor não tenha utilizado o que se diz do anarquismo. De fato, como bem estudou Salvo Vaccaro, Foucault “não cita o anarquismo, nem sequer como pano de fundo ou como objeto de polêmica”¹.

Contudo, o poder é o problema central do anarquismo. Numerosos teóricos anarquistas formularam coisas interessantes sobre a questão, imprescindíveis estando-se de acordo ou não com elas. Começando por Godwin, Stirner, Proudhon, Bakunin, e continuando com Gustav Landauer, André Proudhommeaux, Noam Chomsky ou Friedrich Liebling.

Podemos, pois, interrogar-nos legitimamente sobre as razões desse “esquecimento” de Foucault para compreender, para avançar na história das idéias e – digamos assim – por desejo de justiça. Michel Foucault, entretanto, sabe que o anarquismo existe. De fato faz referências às vezes, não de modo aproximado. Este é um aspecto bem conhecido e que foi mais ou menos bem tratado, especialmente por Salvo Vaccaro.

Poderíamos aprofundar a análise deste lado porém, forçosamente, desembocaríamos sempre em razões desconhecidas ou conjecturais que só explicariam o aspecto filosófico. Seria necessário, por exemplo, evocar o peso do marxismo na Academia e nos meios políticos nessa época, que um Foucault não-marxista deveria ter em con-

1 Salvo Vaccaro, “Foucault et l’anarchisme”, en La culture libertaire, A.C.L., Lyon 1997, p.123-138 e 126.

ta, ou também a vontade de distinguir-se por parte do personagem...

Assim, parece mais pertinente nesta fase ver quais são as razões na teoria em si mesma. Só trataremos de dar algumas pistas de reflexão, *de aprofundar*.

Os riscos da teoria dos micropoderes

Um dos pontos centrais da teoria foucaultiana é o dos micropoderes. Segundo ela, o poder está em toda parte, se encontra sobretudo (em primeiro lugar?) em pequenos níveis. Isto não é falso, mas poderíamos perguntar-nos se, por estar em toda parte, o poder não estaria em lugar nenhum. Ou seja, não estaria no coração do social e do político, e não seria mais a categoria pertinente de análise.

A definição do que se entende por “poder” é um dos primeiros problemas². Sem entrar em detalhes, por falta de espaço, recordemos por exemplo que Proudhon evita confundir o “poder” (*pouvoir*) com a “potência” (*puissance*) tomada no sentido de “capacidade”, sem a qual os indivíduos e coletivos rebeldes seriam sempre impotentes. De fato, o vocabulário constitui um verdadeiro desafio, tal como

2 Sobre esse ponto precisamente, cf. Peltier Philippe (2013) : *Anarchisme, vent debout ! Idées reçues sur le mouvement libertaire*, Paris, Le Cavalier bleu, 258 p., capítulo “L’anarchisme est impuissant car il ne veut pas du pouvoir”.

vimos em slogans como “Todo poder aos soviets” ou inclusive “O poder está na ponta do fuzil”, cujos danos vimos na Rússia, nos países do antigo terceiro mundo ou em outros lugares.

A teoria foucaultiana introduz uma nova perspectiva. Por um lado, o poder repousaria sobretudo no indivíduo. De mim para ti. Seríamos cada um de nós e em primeira instância, monstros em potencial. Isso é possível, do mesmo modo que poderíamos ser tudo o contrário. A realidade humana, por outro lado, é feita das duas coisas, como afirmam claramente os principais teóricos anarquistas³. Nisto, se opõem tanto as religiões (o pecado original, o ser humano mau por natureza, ou inclusive intrinsecamente depredador segundo os ecologistas mais ferrenhos) como à esquerda rousseauniana (o homem é um ser bom por natureza [...] a natu-

3 Proudhon: “Somos bons ou maus de acordo com as circunstâncias, o que prova que somos indiferentes por nós mesmos” (Caderno IX, 1851), “animal e anjo” ao mesmo tempo (Caderno VIII, 1851). Kropotkin: “A natureza humana tem dois sentidos contrários: a tendência estritamente pessoal e a tendência social” (A ética, 1921). Malatesta: “O homem não é perfeito, todos concordam” (Anarquismo e liberdade, 1920). Albert Camus: “O homem essencialmente bom? Naturalmente que não é; ele é o pior ou o melhor” (Reflexões sobre a guilhotina, 1957). Gaston Leval: “O homem não é a quintessência do bem nem a encarnação do mal. Ele é, porém, ao mesmo tempo, um e o outro. O homem possui, fortes ao extremo, todas as possibilidades boas e más da natureza” (Ética e sadismo, 1949).

reza o deprava e perverte)⁴.

Mas deste modo, enquanto o poder é, como o salaríado, resultante de uma organização social (econômica, cultural, de gênero), representá-lo como um mal quase ontológico nos conduz às portas do metafísico e do religioso: a uma espécie de versão pós-moderna do pecado original.

Concretamente, individualmente, social e politicamente, a teoria do micropoder pode se traduzir nas pessoas como uma culpabilização (mea culpa, mea grandíssima culpa) e como um desenvolvimento de gênero confessional: do tipo de como ser bom, não ser mau, não ter poder.

Por outro lado, se o poder é sobretudo micro, inclusive micro segundo as diferentes exegeses foucaultianas, essa postura levará a minimizar, quando não a relativizar, o macropoder: o do Estado e do patronato, para dizer de modo caricatural mas verdadeiro. Mais especificamente, o poder destes – e, cada vez mais, destas (Angela Merkel, mas agora também Laurence Parisot, Cristina Kirchner, Michelle Bachelet de novo, Christine Lagarde na cabeça do FMI, entre outras mulheres⁵) – estão na cabeça dos Estados e das gran-

des empresas. Que dominam, pilotam, dirigem, gestionam todo o sistema hierárquico que se apresenta ante eles...

Concretamente, individualmente, social e politicamente, isso pode traduzir-se pelo abandono do protesto contra o macropoder, contra os dirigentes que estão em cima ou, dito de outro modo, pelo abandono da luta direta contra o Estado – expressada como tal – portanto, o abandono da necessidade de organizar-se e federar-se para esse fim.

Simetricamente, isso leva a confinar a luta contra o poder micro a pequenos espaços (em primeiro lugar, espaços domésticos), a pequenas estruturas, a pequenas lutas, pontuais, dispersas, sem vínculos entre elas exceto ocasionalmente. Ou então com vínculos concretizados intelectualmente, inclusive abstratamente, pelos novos teóricos que falam (Toni Negri é o protótipo com sua “multidão”), e que os encarnam *ipso facto*, à espera de outros seres guiados por eles se queremos ser um pouco cáusticos ou lúcidos.

Do interesse acadêmico ao ser pós-moderno

O interesse de Foucault coincide também com o interesse por Nietzsche entre uma parte da *intelligentsia*. Podemos perguntar-nos se os enfoques atuais não estão também em função de promover, ou reabilitar, certo número

4 Rousseau Jean-Jacques (1755) *Discurso sobre a origem das desigualdades entre os homens*

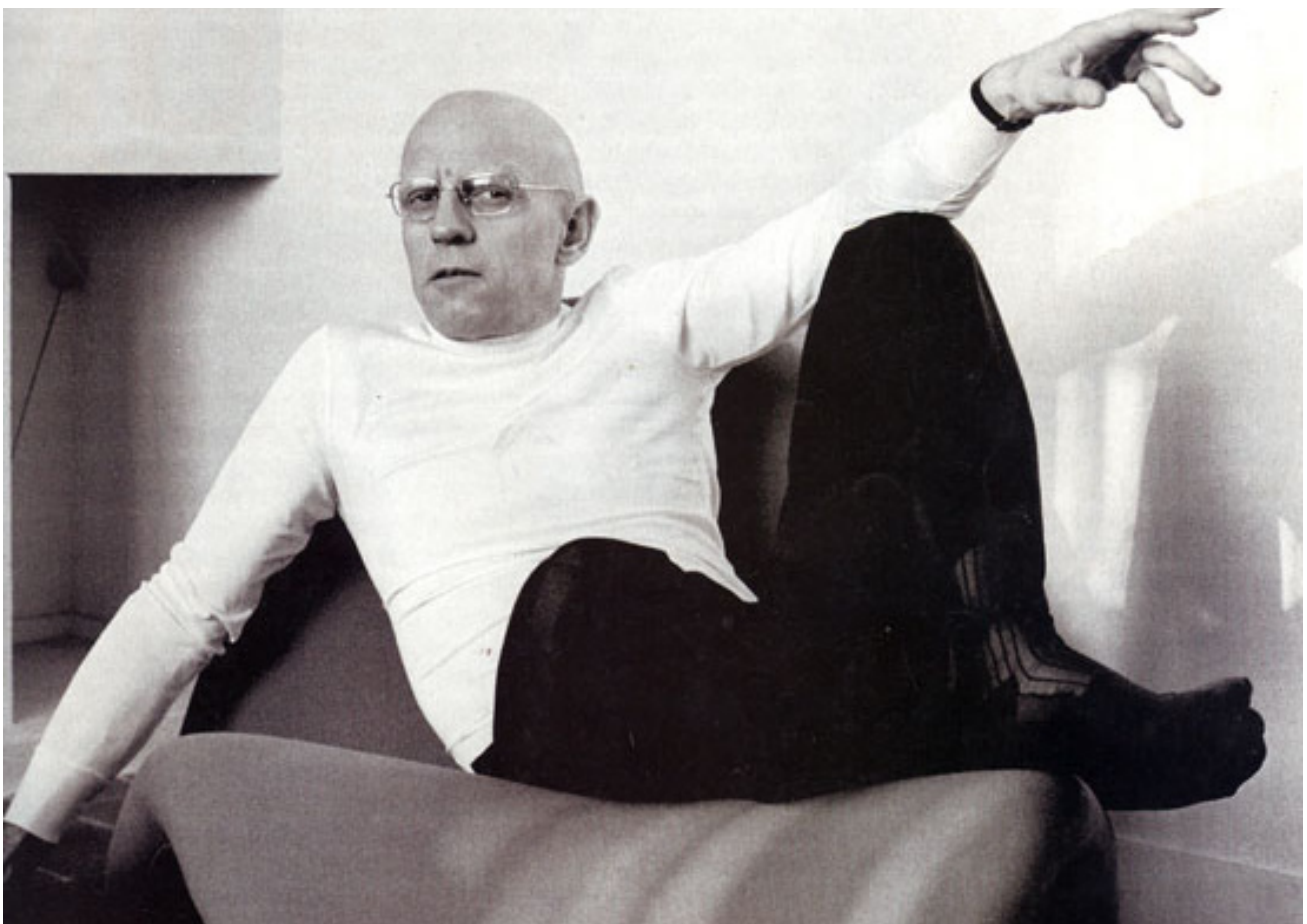
5 Nos demos a licença de incluir em nota, caso não tenham se lembrado, de Dilma Rousseff nesse rol de “autoridades femininas” (N.T).

de funções recuperáveis pelo capitalismo liberal-libertário. Isso admite, de fato, todas as “máquinas desejosas” (Deleuze e Guattari) suscetíveis de alimentar o mercado de consumo, sem questionar jamais a produção (produzir o quê, como, para quê e por quê?).

A primazia dada ao emocional e ao intuitivo sobre a razão e sobre a análise legítima e o abandono das “grandes narrativas” (a Bíblia, o Alcorão, Marx, Freud...), sem dúvida, mas também o abandono das ideologias estruturantes e contestatórias. Tudo isso permite acabar até com a ideia de revolução, relegada frequentemente ao nível de “micro revoluções”. A moda atual de Foucault e de Nietzsche se explica du-

plamente, para além do poderoso atrativo provocado pelo seu estilo vigoroso e seu aspecto cáustico. Intelectualmente, sua filosofia oferece um balão de oxigênio frente ao conservadorismo mas também frente ao marxismo, que foi hegemônico durante muito tempo nos meios militantes ou acadêmicos. Sociologicamente, aportam uma legitimidade e uma visibilidade a alguns pensadores de Academia, onde os lugares são caros, entre os meios militantes, frequentemente conformistas e aculturados, e entre o grande público, que nem sempre o tem claro.

Além disso, a especulação filosófica dos autores pós-anarquistas e pós-marxistas interpreta os movimentos



sociais atuais mais que analisa-os sociologicamente. Sua retórica, não isenta de jargões, aponta uma legitimidade em um mundo acadêmico que, por outro lado, denunciam mas dele obtém vantagens, mais simbólicas que econômicas, e tanto mais negadas quanto eufemísticas se mantém.

Sua vontade de superar o “tema” e jogar no lixo da História os temas considerados superados (a classe operária, o proletariado, os sindicatos, as organizações...) consagra de fato o tema existente por excelência na tradição: o filósofo, inclusive o sociólogo ou o historiador filósofo, cuja presença baseia-se na superioridade de seu discurso.

Da convergência com a lógica liberal

A supervalorização da diferença, das minorias, das lutas dispersas, pretendidamente inclassificáveis, tal como é desenvolvida pela teoria foucaultiana, tem duas implicações.

Por um lado, permite denunciar qualquer discurso que enuncie normas, modelos, valores universais e, portanto, qualquer discurso de propostas claras, qualquer programa. Vale notar que o rechaço em bloco do universalismo tem como corolário o culto ao diferencialismo, ao culturalismo “adequado”, incluindo o indigenismo como tal. Entendida corretamente, esta postura contenta aos dirigentes dos países

emergentes que querem sua parcela de poder ao lado dos países chamados ocidentais e que buscam uma legitimidade cultural.

Por outro lado, de maneira mais paradóxica e preocupante, esta abordagem converge com a retórica neo-liberal, social liberal e liberal-libertária que dá preferência à fragmentação, as medidas caso a caso, a dispersão das proteções sociais globais. Daí o êxito da *French Theory*⁶ no berço do neoliberalismo: os Estados Unidos da América.

Observamos também que o princípio americano que faz começar a luta de classes – ou melhor, o sucedâneo da luta de classes – na cozinha, no banheiro ou no dormitório, segundo o ditado pós-moderno segundo o qual “tudo é político”, caracteriza uma forma de militância que muitos gostam. Não será porque amplia a economia da organização e entra na lógica do *life style*?

Em exemplos domésticos, reduzir o número de banhos, comer cenouras orgânicas, ir de bicicleta e superar o gênero (sexual) seriam o apogeu do compromisso (o auge e não um ponto de partida), atitude – por outro lado – perfeitamente reciclável pelo capitalismo verde. O anarquismo tão pouco escapa da questão do estilo de vida, como brilhantemente criticou Murray

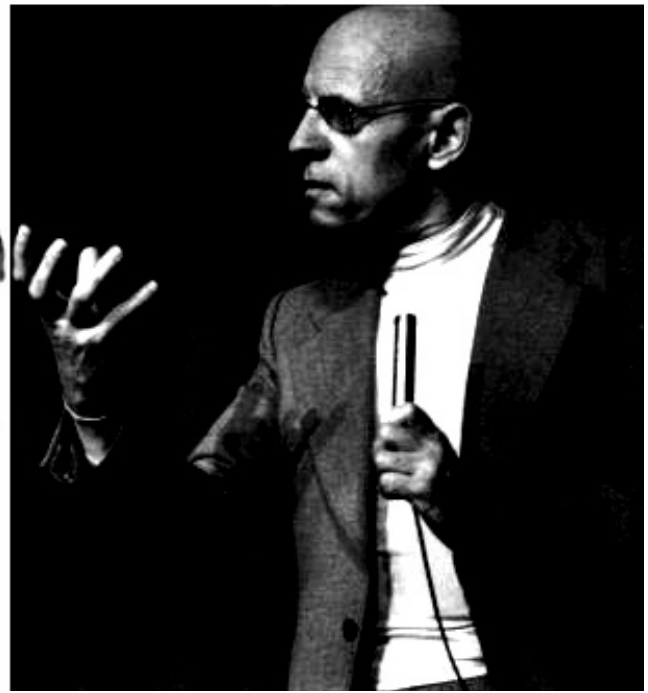
6 Como é conhecida a linha teórica de acadêmicos como Foucault, Deleuze, Guatarri, Derrida, Lévi-Strauss entre outros (NT).



Bookchin, atraindo as iras dos radicais neo-puritanos.

Da convergência com o “choque de civilização”

Se a esse rechaço acrescentamos uma crítica ao ocidentalismo considerado como uma essência e confundido com o modernismo, isso pode desembocar em uma crítica da ciência que seria tanto “moderna” como “ocidental”. No caso contrário, um rechaço permite a revalorização das tradições não-ocidentais ou anti-cientistas, ou seja, anti-tecnológicas se introduz um pouco de ecologia profunda. Pode-se perguntar a respeito se Michel Foucault que, por outro lado, ignora a geografia como ignora o anarquismo, mas que tão pouco se introduz na ecologia, não se aproxima a esta temática com sua noção de “bio poder” (noção por acréscimo mal



compreendida e mal utilizada: mas esse é outro debate).

Assim, é exatamente sobre estas bases – críticas da razão, da ciência, do Ocidente, promoção das culturas contrárias – portanto, sobre o fundo das coisas, sobre o que Michel Foucault apoiou a Khomeini e a revolução iraniana⁷. Há quem atribua esta postura alucinante a seu transtorno explicável pela velhice ou pelo desconhecimento da situação iraniana, não só ofendem a inteligência do filósofo mas também cometem um erro com toda sua trajetória. E, desgraçadamente, desde a chegada de Khomeini ao mando, o poder – micro ou macro – esteve em todas partes, e a justiça em nenhuma.

Por último, poderíamos consi-

⁷ Mandioso Jean-Marc (2010) : *Longévité d'une imposture, Michel Foucault, suivi de Foucaultphiles et foucaulâtres*, Paris, Encyclopédie des nuisances, 132 p.

derar que Foucault não se referiu ao anarquismo em sua análise do poder por ignorância ou desconhecimento, mas sim, ao contrário, porque o anarquismo propõe uma crítica incômoda do poder: em sua natureza e em seus

meios de resposta, não se trata de rechaçar todo Foucault, mas de conservar nosso espírito crítico, de contextualizar e voltar a colocar em perspectiva, de abandonar os caminhos trilhados.

Philippe Pelletier é professor de geografia na Universidade Lyon II e membro da Federação Anarquista Francófona. Texto originalmente na revista *Le Monde Libertaire* nº1730, 2014, traduzido por Rodrigo Rosa.